

# A Morte e o Objeto

*Javier García\**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo, em primeiro lugar, uma revisão em Freud sobre a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto e de como as percepções são processadas – representações do sujeito com relação ao objeto. Tendo como referência Lacan, Green e outros autores, o objeto é representado em sua função objetualizante (Eros) e em sua função desobjetualizante (Thanatos). O artigo desenvolve sobretudo a pergunta da morte real (não a pulsão de morte), de como é percebida e sentida na psique do sujeito e como o trabalho da elaboração do luto é processado, no caso da perda real do objeto.

**Palavras-chave:** Pulsão de Morte. Objeto. Perda.

## Introdução

O conceito de objeto em Freud remete, por um lado, para onde se dirige a pulsão, o desejo e o amor. Com este último se abre a possibilidade de escolha de objetos. Ao mesmo tempo, remete também a algo com que o *eu* se possa identificar. Objeto da pulsão, objeto do desejo, objeto do amor, escolha de objeto e objeto com o qual se identificar não são superponíveis como conceitos, mas, são metapsicologicamente diferenciáveis. No entanto, todos se encontram necessariamente intrincados, quando, em relação com um sujeito, nos referimos a um objeto.

As características mencionadas não estão definindo o objeto por qualidades além do sujeito e sensíveis. A percepção, por si só, não permite a tomada de consciência do objeto, pois esta requer uma mobilização interna do psiquismo

---

\* Membro Titular da Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

(GREEN, 1996, p. 29). A própria percepção é, hoje em dia, entendida como uma construção.

Aquilo que, do objeto, é independente do sujeito, foi levado em conta por Freud em sua conceitualização de “coisa” (*das ding*) – a coisa do mundo a que, em sua própria essência, não tem acesso o conhecimento. O que dispomos do objeto são representações. Enquanto psíquicas, são conceitualizadas metapsicologicamente como representação-objeto: representações pré-conscientes ou conscientes, resultado da representação-coisa inconsciente e da representação-palavra pré-consciente-consciente.

Em 1925<sup>1</sup>, Freud (p. 255) escreveu sobre a necessidade de um juízo que estabeleça se uma representação-objeto tem sua realidade de coisa (*ding*) no mundo. Essa realidade fora do sujeito não é facilmente definível. Inevitavelmente, trata-se de uma materialidade, uma existência além do sujeito, isto é, do mundo. Porém, nela, na psicanálise atual, não podemos deixar fora a pulsão e o desejo do outro que constitui esse objeto e que, em última instância, é incognoscível para o sujeito. Isso nos leva não à coisa (“*das ding*”), mas ao conceito de “real” em J. Lacan.

Agora podemos dizer, então, que são necessárias duas ancoragens para que a representação-objeto tenha um caráter metafórico simbolicamente efetivo: com a **representação-coisa** inconsciente e com o **real**, ao qual todo objeto do mundo remete, em última instância.

Na singularidade de cada sujeito, o objeto é, ao mesmo tempo, algo que existe e se constrói (WINNICOTT, [s.d.]; GREEN, 1996). Esses constructos de que dispomos têm um caráter metafórico-simbólico, que é o que nos permite agir no mundo. A eficácia da prática psicanalítica depende desse caráter das representações-objeto.

A concepção freudiana do desejo situa a perda de objeto como causa. A perda do objeto da experiência primária de satisfação gera um anseio de reencontro. O *infans*, desvalido e dependente do outro, experimenta a presença e a ausência do objeto-peito com uma diferença radical. Em sua pre-

<sup>1</sup> N.T.: Diz ali que uma decisão da função do juízo recai sobre a existência real de uma coisa do mundo representada.

sença, se é tudo, posição narcisista de prazer. Em sua ausência, ao contrário, se é nada, e dessa falta surge o movimento alucinatório do desejo (BRAUNSTEIN, 1983). O fracasso da alucinação reenviará ao outro a partir de representações do objeto que já constituem certa construção. A presença não-ritmada do objeto-peito, esse tudo narcisista do prazer, como o encontro especular sem limites de Narciso, envia-nos ao conceito de Thánatos em psicanálise. A ausência, causa do desejo do sujeito e da atividade de representação, remete-nos ao conceito de Eros. É nesse sentido que A. Green atribui a Eros uma “*função objetalizante*” e a Thánatos, “*desobjetalizante*” (GREEN, 1996, p. 40).

A morte a que nos referiremos neste trabalho não se relaciona com o conceito psicanalítico de “pulsão de morte”. Aludiremos à morte real que, como experiência subjetiva, sempre é de outro. Citaremos também a morte falada (MANNONI, 1988), a que é disponível nos relatos, na cultura.

A morte (real) permite-nos trabalhar as diferentes dimensões do objeto, seguindo as categorias do *real*, *simbólico*, *imaginário* (LACAN, 1953), ao dilacerar sua montagem pela perda (no) real.

A imagem do objeto recebe especial relevância depois da morte, a ponto de se acreditar vê-lo em seus lugares habituais ou em alguém que não se distingue bem, devido à sua distância, por ser visto por trás ou na penumbra. As imagens das lembranças invadem e recuperam uma intensidade especial. A força de todas essas imagens parece necessária para se opor à dor pela perda real; e depois, por um temor ao esquecimento, que angustia, encaminha-se a ver fotos e a se pôr em contato com objetos desse ente querido morto.

Há algo inexplicável na morte, diferentemente das perdas por separações<sup>2</sup>, e o inexplicável é que o objeto querido não está, não vai estar nunca mais e não está em lugar algum passível de ser encontrado. Se o buscarmos no túmulo, desenterrando-o e levando-o conosco, estaríamos na psicose. O cadáver não é o real do objeto querido, é o seu remanescente. O encontro

<sup>2</sup> Mesmo no caso em que essas impliquem também a morte de um vínculo.

com esses restos reais é sinistro: encontro sem mediação, sem arraigamento em algo que, por sua organização e qualidade, transite em lembranças, imagens, pensamentos e relatos.

Em compensação, os restos no túmulo, em relação com a lápide que mostra seu nome e as datas, são um testemunho simbólico. Para se construir, precisa-se tanto dos restos como da lápide. Algo real deve estar ali para que o gravado tenha efetividade simbólica. Quando isso não é assim, temos, por exemplo, a situação dos desaparecidos cujos restos não são reconhecidos e enterrados, ou a dos monumentos socialmente estabelecidos que, embora habitualmente sem conter restos, dispõem da força simbólica da inscrição social.<sup>3</sup>

A desarticulação entre a imagem, o real do objeto e sua disponibilidade simbólica introduz-nos na zona da psicose, tanto em um racionalismo mórbido pseudo-simbólico, na linguagem desarraigada da coisa, na imagem alucinatória tomada como o real quanto na necessidade do resto real como (se ele fosse o) objeto<sup>4</sup>. Entretanto, todo luto, ao menos em seu início, pode parecer um pouco louco, aparentado com a psicose, pela desarticulação produzida pela perda real.

### O Eu e a Ausência

O eu, consubstancialmente, opõe-se à ausência. Consubstancial enquanto lhe são inerentes sua estrutura, sua “imago” de origem na identificação especular, antecipada tanto ao domínio e à representação do próprio corpo como à dialética de intercâmbio com os outros e à linguagem. Antecipação e alinhamento nessa identificação constitutiva sobre a qual os fun-

<sup>3</sup> O encontro com o túmulo, o encontro com uma urna com restos que não se vêem, mas que estão ali com seu próprio peso, pode efetivamente gerar tristeza, saudade e uma forte ação de lembrar. Em compensação, o encontro direto com os restos talvez seja mais intenso ainda como produtos de efeitos, porém, de horror: rejeição e intensas vivências corporais de afastamento, repugnância, náuseas, desmaio, etc.

<sup>4</sup> A permanência excessiva de imagens e reminiscências angustiantes, as identificações imaginárias parciais, em um contexto edípico culposos, situam-nos na zona das neuroses. Aqui a articulação dessas três dimensões do objeto está presente, mas o testemunho e a efetividade simbólica estão a meio caminho, retidos pelo conflito psíquico.

cionamentos simbólicos tratarão de estabelecer nexos efetivos com o mundo. No entanto, quando algo real cessa nele, torna-se oco e libera esses nexos como instrumentos que se movem tolos e desesperados no ar; as “imagos” constitutivas “assumem o posto”, ressurgindo de suas bases. Os fantasmas e a alucinação são testemunhos desse funcionamento e sustentam o psiquismo diante do nada real imposto pela morte do objeto, esse impossível para todo sujeito. Não poderíamos falar, então, de uma defesa frente a algo intolerável, seja qual for a razão. É que ali, nessas “imagos”, sustento de fantasmas e alucinações, se encontram as matrizes simbólicas da estrutura do sujeito que, paradoxalmente, instrumenta e aliena ao mesmo tempo. É o próprio sujeito que está em jogo; sua sobrevivência, o que nunca é independente do outro como objeto de amor. A morte real do objeto de amor põe em evidência a dependência e a fragilidade do ser humano.

Se o objeto de amor não encerrasse intimamente a imagem homomórfica de uma identificação básica para a existência do eu, sua transformação perceptiva em cadáver, com o que envolve de falta de movimento, gesto, calor, cor, olhar e, como resto, fragmentação, não provocaria o horror que os neuróticos evitam, organizando-o em rituais e em outros recursos simbólicos. Porém, antes disso – e para que isso seja possível –, é necessário fazê-lo em imagens que recomponham, de algum modo, a estrutura de nossas “imagos” humanas básicas. É na psicose que se evidencia claramente a possibilidade de desarticulação-fragmentação dessas “imagos” e suas matrizes organizadoras.

Diante da alucinação do ser querido morto poderíamos permanecer no campo descritivo da percepção somente, isto é, no âmbito da psicologia e da neuropsicologia. Introduzir a dimensão psicanalítica exige-nos outras considerações. Uma delas, aqui fundamental, é a de que as imagens não são apenas um fato perceptivo, mesmo com a complexidade que esse fato tem em uma concepção psicanalítica. A imagem é uma forma capaz de provocar formas, com especial função na constituição do eu, como matriz simbólica em que o eu se precipita (LACAN, 1949). Entretanto, se pudéssemos encontrar essa função morfogênica em toda imagem, pensamos

nisso especialmente em relação ao que nos dão nossos objetos de amor. Ali se põe em jogo esse grande vencedor, que é a libido, na forma que conhecemos classicamente como narcisismo. É ali que se realiza uma relação erótica (amor-ódio) em que o sujeito se aliena, fixando-se em uma imagem exterior que passa a constituir, íntima e passionadamente, como o *eu*. Pensar que o exemplo paradigmático da experiência de morte de um ser querido está na morte dos pais e, especialmente, na de um filho se justifica por aí se encontrar concentrada a essência do ser em sua paixão e identificação narcisista. A dor como vivência de perda é reflexo do que está envolvido no narcisismo constitutivo do eu e de tudo o que esse significa de vivência corporal. Um nível em que o psíquico e o corporal se confundem, pois envolve a imagem e a vivência do próprio corpo, isto é, essa apropriação que corresponde à identificação narcisista da fase do espelho.

### A Presença Pseudo-Alucinatória

O morto desconcerta o funcionamento do psiquismo, por não ser localizável em lugar algum, e ao mesmo tempo produz impacto com a afecção humana mais cruel: a dor. É a perda real que gera esses dois efeitos terríveis: a dor dilacerante da perda no real<sup>5</sup> e a desamarração do imaginário e do simbólico que se encadeiam com o real do objeto perdido. A dor convoca todos os recursos psíquicos possíveis, e a desarticulação das imagens e dos pensamentos da presença real do objeto importuna a “prova de realidade” em jogo na constituição desse objeto, assim como nos mecanismos de defesa, frente à dor. Por momentos, as vivências do familiar se assemelham à psicose, não a sendo, estruturalmente.

(A) A paciente “A” está, há muitos meses, de luto pela morte de um tio que, para ela e sua família, exerceu funções importantes de protetor. O que segue é um momento especialmente perspicaz em sua capacidade de descrição de um fenômeno pseudo-alucinatório visual.

*Vejo alguém... e que, assim, de um golpe de vista, te parece... Como se*

<sup>5</sup> Com o que ela acarreta à economia libidinal-narcisista.

*te esquecesses e não pensasses e o visses. Não raciocinaste que está morto e não existe. Não pode ser. Como que o acreditaste. E penso: me confundi, vi-o, sonhei-o ou vi uma foto. Com X (tio) já me ocorreu uma pilha de vezes. Há pouco ia caminhando pela casa e vi uma pessoa. Sim, tinha algo parecido, pelado... Quando me dei conta de que não é... Mas o mais extraordinário é quando acreditaste que era e não podia ser. E não é uma semelhança geral. Não. É algo... Não sei o que é. Tem algo. Um gesto. Viste que às vezes unes duas imagens por um traço, por uma coisa, e depois te ficam unidas e sempre continuam te lembrando? Essa coisa comum, que sempre é algo que está e que até se poderia medir... que é... às vezes, um aroma ou um gesto... É um flash. Te surpreende esse segundo que te parece que era ...*

Aqui me deterei na confusão: momento em que a imagem perceptiva se confunde com a representação, em um instante (*flash*) de perda da prova de realidade.

Essa confusão com a imagem do tio morto não é por uma semelhança geral. Trata-se de uma característica, um gesto, uma coisa, algo que está, que se poderia medir. Essa característica parece repetir-se nessas situações de confusão do tipo pseudo-alucinatória e nos recorda o que Freud disse em “Moisés” (FREUD, 1939, p. 125): “o delírio psiquiátrico contém um grão de verdade, e o convencimento do enfermo transborda dessa verdade para seu envoltório delirante”. Uma característica do outro, disponível como marca especialmente investida, é o que produz o efeito de presença em oposição à sua ausência, nesse caso do tio.

A paciente destaca também sua materialidade, seu caráter de “coisa” que “até se poderia medir”. Disso se tratam as características, as marcas evocadoras do que Freud descreveu como “representação-coisa”, esta mesma com o caráter de “coisa”, mas também da concepção de Lacan do significante em psicanálise. Uma materialidade capaz de criar imagem, unir imagens e permitir relatos.

As representações-objeto de que Freud falava, com as quais pensamos, organizamos o mundo e nos organizamos a partir dos outros, requerem sua prova de articulação efetiva e simbólica com o referente do mun-

do. Diante da perda desse referente na morte<sup>6</sup>, o desejo investe pulsionalmente nas marcas e tenta recriar o objeto perdido, de maneira alucinatória, em identidade perceptiva. Nesse ponto, não há diferença entre representação e apresentação, a marca aparece como percepção.<sup>7</sup>

(B) A paciente “B” vive um luto por um filho-bebê morto há mais de um ano, e se refere à sua necessidade de manter o quarto e seus objetos sem mudanças: *O quarto é muito íntimo. Não gosto que a empregada entre para limpá-lo, nem para arejá-lo. Não quero que toque em nada. [...] Quando entro... preciso sentir o cheiro (angústia) [...] a dor que sinto porque está desaparecendo! Fecho tudo, até as persianas. Me acalmo quando abro o armário, cheiro as roupinhas. Está tudo ali, guardado, organizado. As roupinhas dobradas [...]. Eu sei que... é estar sempre perto... X me diz que isso me faz sofrer mais... mas sinto que me acalma. Não é que me acalme. Não tenho consolo jamais (chora) [...] Por mais triste que seja... quando estou ali, sozinha, no quarto... e arrumo e toco...é menos doído [...] Não poderia desmontar o quarto, seria horrível para mim... Eu entendo tudo o que me dizem, mas não posso, não quero. Viro uma fera! Não me entendem!*

A dor, a ferida e a violência materna ao defender seu bebê diante da incontestabilidade da perda comandam a vida psíquica de B. Entendê-la passa por reconhecer que lhe é intolerável a dor da perda. A presença em marcas olfativas e visuais dos objetos do bebê, conservados no mesmo lugar, acalma-lhe a dor, ao passo que seu desaparecimento a aumenta. De qualquer modo, é um ponto louco, pois, apesar da presença do cheiro, seu bebê não está. Ela sabe disso, “*mas ainda assim*” a acalma. A montagem do quarto sustenta um fantasma que, a partir do desejo de B por seu filho,

<sup>6</sup> Da mesma forma que foi descrito para a realização alucinatória do desejo, diante da falta do objeto da experiência primária de satisfação.

<sup>7</sup> Quando dizemos ‘perda no real’, como foi dito no início, não estamos dizendo apenas que o referente das representações de objeto já não está, o que também é certo. Tampouco nos referimos somente à “coisa em si mesma” (*das ding* freudiano). O real perdido implica a pulsão do objeto (como sujeito), o que significamos para ele, como nos dispunha em seu interior, suas lembranças, seu amor-ódio em relação a nós e em que medida fomos causa de seu desejo. Tudo isso supõe o lado real da perda.



ocupa o lugar deixado por sua perda real. Esse vazio é intolerável, humanamente intolerável; e a loucura inicial do luto, ineludível. O fantasma restitui as marcas ao âmbito perceptivo, para sustentar o que nos habita do objeto, ainda em sua perda. Inevitavelmente, sua permanência habita o eu como um *objeto morto-vivo*, uma *sombra*, enquanto o contexto vivo de outros objetos de amor, nas suas vezes de amantes desejosos no exercício vital de sua rivalidade com o morto, promete ir resgatando o funcionamento de Eros.

Socialmente, os rituais que rodeiam a morte não são todos dedicados ao morto, mas também aos parentes ou, caso se queira, aos sobreviventes. Uma função que podemos ler neles é a de um “chamamento destinado a mobilizar todos os viventes contra a intrusão da morte” (THOMAS, 1991, p. 118). Se essa formulação tiver um rumo mais sociológico que psicanalítico, será necessário que consideremos a importância do desejo dos outros em relação ao parente (e vice-versa), nesse chamamento à vida.

### A Presença na Identificação

(C) O paciente C perdeu um filho de 10 anos em um acidente de trânsito, no qual ele dirigia. Foi ele que o acolheu nos braços e o transportou. Muito mais adiante, dirá que, espantado pela flacidez do filho, dá-lhe forma com seu corpo. Enfim... há vários outros elementos terríveis ali. C consulta porque, atravessando a rua, perde suas forças e desmorona, sem perder a consciência. *Me amoleço todo*, diz, mas está muito longe de relacionar ambas as situações. A perda de forças imprevista, em identificação com a imagem do filho flácido, diminui-lhe a dor da perda real, da lembrança e da culpa. Era o momento anterior a deixá-lo, a se separar, enquanto ele próprio dava-lhe forma, como se tivesse podido e devido continuar dando-lhe forma sempre, algo que ele também busca em mim. Por identificação, essa imagem tomou corpo em seu eu, apoderou-se dele e o comanda nessa área. Poderemos pensá-lo com o conceito de “objeto morto-vivo” (BARANGER, 1980), que veremos frequentemente.

### A Presença-Representação no Sonho

(D) A paciente D, 45 anos, há alguns meses perdeu sua mãe: *Sonhei... um pesadelo! Eu tinha um bebê nos braços. Tinha uma espécie de xale, uma mantinha branca sobre a cabeça... E era horrível, porque o olhava, e era minha mãe...*

Quando a vi... morta... haviam-na preparado, e tinha essa manta branca na cabeça, como enfaixada e pequenina. E aqueles algodões horríveis tapando-lhe as narinas. No sonho, era essa a imagem... mamãe morta... como a vi.

Um dos lugares em que é possível o encontro com um morto é o sonho. Neste, as representações “objeto morto” estão submetidas ao processo primário e ao trabalho do sonho. Nesse caso, as representações objeto-mãe morta juntam-se aos bebês não-concebidos-mortos. Podemos constatar representações vinculadas à mãe, aos filhos não-concebidos e à sexualidade “tamponada” da paciente e sua mãe, que apareceu em associações posteriores. No entanto, a imagem do rosto da mãe morta tem proximidade com o conceito de “objeto morto-vivo” (BARANGER, 1980). Não se trata, nesse caso, de uma representação disponível aos efeitos do recordar e do pensar, somente que “o objeto que morreu no mundo externo continua vivendo, como se não tivesse morrido, no mundo do sujeito” (BARANGER, 1980). Aqui, Baranger segue Freud, quando afirma que, no luto, o objeto perdido continua existindo na vida psíquica, como no caso de C (FREUD, 1917). Essa existência depende do que se tem chamado “trabalho de luto”. A impossibilidade desse trabalho especial faz o morto-vivo permanecer na vida psíquica do parente<sup>8</sup>.

O *arbeit* (“trabalho”) de luto envolve, em sua realização, distintos momentos desse objeto morto-vivo interno descrito. Aproximadamente no

---

<sup>8</sup> André Green (“La metapsicología revisitada”, p. 40-41) fala do “luto interminável”, característico de estruturas não neuróticas, e diz que, nesses casos, tem-se a impressão de estar “diante de um autêntico *alinhamento* [N. T. tradução de *alineación*, conforme original; poderia ser *alienación*, de *alienación*?] em um objeto interno que se teria apoderado, de certo modo, da identidade do sujeito”. Fala, então, de “possessão por um objeto” que tende a destruir o sujeito (sujeito pulsional).

final do luto (terceiro período para W.B.), o morto aparece, como no caso “D”, no conteúdo manifesto do sonho como tal: morto. Esse desenvolvimento teórico leva-o a sustentar, como conclusão, que “o *status* metapsicológico do objeto, descrito por Freud em *Duelo y melancolía* e por Klein em seus artigos correspondentes, não é o de uma representação, mas um *status* semelhante ao das instâncias psíquicas (eu e superego), um *status* de quase-pessoa” (FREUD, 1917, p. 316). Tem como característica sua atualidade, isto é, não se situa no passado histórico, mas como presença “personificada” no eu instância.

Em minha opinião, esse objeto descrito reúne as características de um “fantasma” (em princípio, atribuo-lhe um sentido literal), tanto apareça como identificação ou como pseudopercepção.

O trabalho de luto consiste precisamente na transformação progressiva desse objeto morto-vivo em uma representação (lembração, relato).

### Finalmente

Nos exemplos referidos, é comum o fenômeno da presença. Em todos, encontramos-nos diante da presença do ente querido morto, tanto por acreditar percebê-lo no mundo, vê-lo provir de outro ou conservá-lo em seus odores e objetos, como em sua presença que habita o eu em armados manifestos do sonho e em identificações-sintomas. A presença fala da persistência, como um fantasma, de um objeto que, devido à sua perda real, deixou seus outros componentes (imaginários e simbólicos) desamarrados, porém vigentes. O referente do mundo desapareceu; mais precisamente o que tinha de real o objeto, enquanto pulsional, desejoso e também fora de lugar (*ex-sistere*), impossível de ser captado fora de representação e de discurso. Mantemos com ele uma relação como a descrita por Freud com o “umbigo do sonho”.

No lugar dessa perda real, os outros componentes do objeto se constroem como fantasma. Refiro-me a “fantasma” em seu sentido coloquial, ou, se desejarem, literário: uma presença ilusória. No entanto, por acaso,

em sua dimensão psicanalítica, um fantasma não é algo que se constrói a partir do desejo inconsciente no lugar de uma perda real?<sup>9</sup>

Perante essa perda real, a resposta humana é a dor. Como o primeiro grito do *infans* ao nascer, a dor está mais próxima de um sinal natural do que do signo. Mantém uma relação de contigüidade com a ferida física ou afetiva. Os sobreviventes respondem: (a) com a descrição da perda real, ao menos em *flashes*, que sustentam, de alguma forma, sua presença, e (b) com ritos que tendem a organizar a dor. Isto é, ritualizar a dor como forma de encarná-la organizada, regulamentada e codificadamente, no psíquico e no social. As histórias de uma morte que principiam a ser contadas repetidamente, quase como os contos que as crianças nos pedem, noite após noite, começam a fazer dessa morte real algo narrável. São relatos necessários para a vida, mas que não recobram totalmente nem substituem a perda.

A partir dessa falta, desencadeia-se no real, se for possível, essa atividade imaginária e simbólica comandada por Eros, a que se chamou de “trabalho de luto”. Se quiséssemos pensar que esse trabalho chega a um bom término quando há uma restituição e substituição acabada, estaríamos certamente armando outra crença para tentar anular a perda.

“A transitoriedade” (FREUD, 1916), essa jóia literária e psicanalítica que constitui um canto à vida em meio à guerra, em oposição a uma vivência melancólica de fastio do mundo, tem, no entanto, uma atmosfera especialmente otimista em relação à perda. A grande contribuição freudiana nesse aspecto é de que não aceitar a morte, o transitório, torna impossível viver. A perda, apesar, e talvez como consequência, de sua dor, pode desencadear, na medida do singularmente possível, a ânsia de viver e a capacidade produtiva e criativa do homem. No entanto, isso não a anula. Nenhum objeto de amor-ódio perdido pode ser substituído sem resíduo. Ela própria é dor. Freud se pergunta por que custa tanto à libido (do eu; amor) desapegar-se de seus objetos, ainda que já tenha seus substitutos. Situa nessa pergunta o enigma do luto. Como podemos ver, o problema

<sup>9</sup> Não é também o movimento que começa a se organizar com a realização alucinatória de desejo, diante da ausência do objeto da experiência primária de satisfação?

localiza-se intrapsiquicamente, como uma vicissitude da libido. É inevitável que deixe fora aquilo do objeto que está além do sujeito. *O objeto é não somente um lugar de investidura e identificação, mas, muito especialmente, um sujeito de sexualidade, de cujo desejo e amor dependemos, em grande medida.* Esse aspecto do objeto que enfatizo é totalmente extraterritorial ao sujeito e se constitui no real perdido insubstituível<sup>10</sup>.

Destacar o insubstituível da perda real não desvaloriza as contribuições que a psicanálise realizou e que trabalhamos produtivamente em nossa clínica: ambivalência em relação ao objeto, clivagens, ansiedades e culpas persecutórias, culpa edípica, defesas maníacas, etc. Tampouco as que se acrescentam nos pacientes com profundos transtornos identificatórios e de simbolização, nos quais está muito limitada a capacidade de elaboração de perdas. A ênfase assinalada leva-me a esclarecer:

A) em primeiro lugar, envolve um reconhecimento, pelo analista, do paciente como sujeito. O reconhecimento do outro como sujeito de desejo é eticamente central em toda análise<sup>11</sup>. Confrontados com a perda, esse reconhecimento, do mesmo modo que muitos ritos realizam, favorece que essa perda real comece a ser considerada de maneira simbólica como falta, a partir da qual se possa falar e calar encarnadamente sobre essa morte. A teoria psicanalítica diz pouco sobre isso que é tão habitual em nossa clínica;

B) em segundo lugar, permite-nos entender os freqüentes fenômenos de desmentido da ausência, geralmente parciais e momentâneos, porém muitas vezes fortes e sustentados, pseudo-alucinatórios, identificatórios, oníricos, e outras formas que o fantasma do objeto morto possa adquirir;

C) em terceiro lugar, podemos pensar que o desmentido vá diminuindo, e os fantasmas, desconstruindo-se, à medida que se construam relatos

<sup>10</sup> O desejo, o real do desejo em jogo não permite uma tal substituição. Um símbolo pode chegar a uma substituição. Podemos perder uma peça de um jogo de xadrez e substituí-la por qualquer objeto que passe a exercer sua mesma função. No entanto, quando a perda é no real da pulsão do outro, não tem substituição possível, quanto mais intenso for esse compromisso.

<sup>11</sup> Isso requer, de parte do analista, disposição para desconstruir, na medida do possível, suas ideologias culturais, mas também psicanalíticas, a fim de dar lugar ao sujeito do inconsciente.

vivos sobre essa morte. Isso implica que a perda habite o mundo simbólico do sujeito em experiências de dor psíquica, a partir das quais se organizam esses relatos. Trata-se da passagem da experiência da morte real à morte falada encarnadamente;

D) em quarto lugar, devemos reconhecer que, embora essa atividade simbólica possa realizar-se, a perda real deixa sempre um resíduo, como uma ferida que engana o não-pensável, cujas dimensões não são normatizáveis.

Por essa razão, enfatizei os movimentos psíquicos que acompanham essa perda real, tendendo a recriá-la alucinatoriamente, como fantasma ou como identificação; movimentos que nos recordam os que se produzem diante da perda do objeto da experiência primária de satisfação. Supusemos, na origem do sujeito psíquico, uma experiência também de dor, em condições em que os objetos, para esse sujeito, ainda eram somente potencialidades, o que faz a diferença diante da morte de um ente querido.

A dor é o ponto de partida do luto e um apelo a todos os recursos simbólicos, isso que caracteriza o humano. Os recursos de cada um confrontados com o luto, mas também todos os recursos simbólicos da cultura, disponíveis nos rituais de luto<sup>12 13</sup>.

A própria morte é inacessível. É tão real que se nos revela irreal, precisamente nada, puro silêncio, falta. No entanto, não há, verdadeiramente, palavra possível para descrevê-la<sup>14</sup>. Não obstante, confrontados com ela, o

<sup>12</sup> J. Lacan; El Seminario 6, “El deseo y su interpretación”, sessão de 22/04/59: “Que são ritos funerários? Os ritos pelos quais satisfazemos ao que se denomina memória do morto, que é somente a intervenção total, maciça, do inferno ao céu, de todo o jogo simbólico” (Inédito).

<sup>13</sup> O pragmatismo cultural atual diminuiu esses rituais a sua mínima expressão emocional, conservando certas formalidades despojadas. Os entornos da morte: emergências móveis, cuidados intensivos, casas de velórios, etc., sofreram uma assepsia das emoções que ela provoca. A morte limpa, branca, distante, instrumental. Uma imagem morta da morte, seu reflexo em lugar da vivência viva da morte, da perda de outro, da ameaça da própria vida. No entanto, não deixa de ser outro reforço de crença, na descrença, em uma assepsia afetiva, como um exorcismo da dor.

<sup>14</sup> O Outro, diz J. Lacan (“El deseo y su interpretación”, sessão citada), fica impotente diante desse significante ausente. No lugar desse “significante ausente” – continua dizendo J. Lacan – “vêm, como na psicose – e é porque o luto é aparentado com a psicose – pulular em seu lugar todas as imagens pelas quais aparecem os fenômenos do luto, [...] o fantasma, essa imagem que pode surpreender a alma de todos e de cada um”.

grito, a dor, os sonhos, fantasmas, tristeza, violência, lembranças, crenças, rituais, gracejos, poemas, construções filosóficas, religiosas e também psicanalíticas continuam fornecendo os recursos necessários, afetivo-discursivos. Essa morte possível para nossas mentes: a morte falada encarnadamente.

### Death and the Object

**Abstract:** The major aim of the present paper is to draw on Freud's ideas to assess the relation between the companion and the object and how these perceptions – representations of the subject in relation to the object – occur. Based on Lacan, Green and other authors, the object is represented by its objectalizing function (Eros) and by its disobjectalizing function (Thanatos). The paper inquires into real death (not the death drive), into how it is perceived and felt in the subject's psyche and how the notion of loss is processed, in case of loss of the real object.

**Keywords:** Death drive. Object. Loss.

### La Muerte y el Objeto

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo, en primer lugar, una revisión en Freud acerca de la relación que se establece entre el sujeto y el objeto y de cómo se procesan las percepciones – representaciones del sujeto en relación con el objeto. Teniendo como referencia Lacan, Green y otros autores, el objeto es representado en su función objetalizante (Eros) y en su función desobjetalizante (Thanatos). El artículo desarrolla sobretudo la cuestión de la muerte real (no la pulsión de muerte), de cómo es percibida y sentida en el psiquismo del sujeto y cómo se procesa el trabajo de la elaboración del duelo, en el caso de la pérdida del objeto real.

**Palabras-clave:** Pulsión de Muerte. Objeto. Perdida.

### Referências

BARANGER, W. (Org.). **Aportaciones al concepto de objeto en psicoanálisis.** Amorrortu: Buenos Aires, 1980.

BRAUNSTEIN, N. A. (Org.). Las pulsiones y la muerte (COLLAGE). In: \_\_\_\_\_. **La re-flexión de los conceptos de Freud en la obra de Lacan:** Coloquios de la fundación. México: Siglo XXI, 1983. v. 3.

FREUD, S. (1917 [1915]). Duelo y melancolía. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** Buenos Aires: Amorrortu, 1978. v. XIV.

- \_\_\_\_\_. (1925). La negación. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1978. v. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1916 [1915]) La transitoriedad. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1978. v. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1939 [1934-38]). Moisés y la religión monoteísta. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1978. v. XXIII.
- GREEN, A. **La metapsicología revisitada**. Buenos Aires: Eudeba. 1996.
- LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. México: Siglo XXI, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Lo real, lo imaginario, lo simbólico**. Societé Française de Psicanálise: Paris, 1953. (Pronunciamento).
- MANNONI, O. Psicoanálisis de la muerte In: \_\_\_\_\_. **Un intenso y permanente asombro**. Buenos Aires: Gedisa, 1989.
- THOMAS, L-V. **La muerte**. Buenos Aires: Paidós, 1991.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Tradução: Maria Regina Lucena Borges  
Revisão da tradução: Maria Lucia Meregalli

**Javier García**

Bvard. J. G. Artigas 2654.  
CP 11600 Montevideo – Uruguay  
E-mail: gp@adinet.com.uy